

A profanação da nação e a crítica ao jornalismo na literatura latino-americana contemporânea

Diogo de Hollanda Cavalcanti
(PUC-SP)

RESUMO: Este trabalho enfoca a presença aparentemente crescente de representações do jornalismo e do jornalista em romances que tematizam a nação e a memória histórica nacional. O corpus inclui obras de Juan Gabriel Vásquez, Juan Pablo Villalobos e Rodrigo Rey Rosa, entre outros autores que mostram os meios de comunicação como dispositivos homogeneizadores contra os quais a literatura busca se erguer. Como fundamentação teórica, a comunicação articula reflexões sobre as mudanças na compreensão do nacional com uma análise das relações ambíguas entre jornalismo e memória coletiva.

Palavras-chave: Literatura latino-americana; literatura e nação; jornalismo e literatura; jornalismo e memória.

Em um trabalho publicado em 2010, Josefina Ludmer destacou o forte tom antinacional na literatura latino-americana dos anos 1990. No momento em que os projetos neoliberais se alastravam pelo continente, com a defesa da reformulação dos Estados mediante programas de privatização e desnacionalização, diversas obras exacerbaram o tom crítico e fizeram uma diatribe contra os países de seus autores. Ludmer cita *A virgem dos sicários* (1994), do colombiano Fernando Vallejo, *Contra o Brasil* (1998), do brasileiro Diogo Mainardi, e *El asco. Thomas Bernhard en San Salvador* (1997), do salvadorenho Horacio Castellanos Moya. Todas, segundo a crítica argentina, convergem na acidez com que investem, numa atitude profanatória, contra a identidade nacional e cultural desses países. Compartilham também o lugar de enunciação dos narradores, personagens que vivem ou viviam fora e agora têm de suportar, a duras penas, o retorno ou a breve estada em um ambiente que já não toleram.

Este gesto de profanação nos parece produtivo para entender a mudança de postura dos escritores latino-americanos em relação à nação. Enquanto os autores do *boom*, apesar de suas disparidades, empreenderam um projeto de busca identitária da América Latina e de seus países – impulsionados, em grande medida, por acontecimentos políticos como a Revolução Cubana (1959) –, as gerações mais recentes parecem mais dedicadas a um esforço contrário: questionar os pilares do imaginário nacional e desconstruir a ideia de nação como comunidade homogênea (QUESADA GÓMEZ, 2011, p.35).

Profanar, segundo Agamben (2007), significa restituir algo ao uso comum dos homens, retirando da esfera religiosa e sacra em que se achava encerrado. No caso de uma nação, a atitude profanatória teria o intuito de refundá-la sob um paradigma democratizante, tarefa que inclui a busca de uma “memória democrática” que Hugo Achugar (2006, p.160) identifica na América Latina do início dos anos 2000. De acordo com o autor, após um longo período de regimes autoritários, manipuladores, excludentes, havia na região a busca por uma memória e uma história inclusivas, em que coubessem não apenas os presidentes, os generais, os latifundiários, mas todos os setores da sociedade.

Na avaliação de Achugar, longe da derrocada, os Estados-nação passam por uma redefinição, norteada, entre outros fatores, pela crise da concepção homogeneizante que prevalecia no século XIX. Cabe hoje, segundo ele, pensar a categoria de nação “como lugar simbólico de um nós não uniforme, mas sim inclusivo e respeitoso da diversidade” (ACHUGAR, 2006, p.156). Esta visão atravessa um bom número de narrativas contemporâneas, não apenas na maneira como abordam o presente – em que diversas formas de violência expõem as dissonâncias da comunidade nacional – mas também nos questionamentos que fazem à memória histórica.

Abril Trigo define a memória histórica como uma “montagem narrativa, literária e pedagógica manufaturada por equipes letradas a fim de legitimar as origens, geralmente espúrias, do Estado” (TRIGO, 2003, p.14, tradução nossa). Em outras palavras, é a memória transmitida pela história hegemônica – também chamada “história oficial” –, constantemente reforçada em eventos e em lugares como museus, cemitérios, santuários, entre outros. Uma memória produzida pelos aparatos ideológicos do Estado, guiada primordialmente por objetivos nacionalistas, e que elimina tudo que é diferente, transgride a norma ou se desvia da eterna repetição do mesmo. A atitude de profanação, neste sentido, funcionaria como um “contradispositivo” para desvelar engodos e rechaçar as visões monolíticas transmitidas pela história hegemônica e os meios de comunicação de massa.

Quero destacar este último aspecto: o olhar crítico cada vez mais frequente em relação aos meios de comunicação de massa, particularmente o jornalismo. A afirmação de Bernardo Kucinski de que vivemos hoje em uma ditadura midiática (VILELA, 2014) parece se confirmar em muitas obras que, tão perto do pós-ditadura, nos falam agora dos desenganos da redemocratização.

Um exemplo entre tantos é o romance *O material humano*, do guatemalteco Rodrigo Rey Rosa (2009), em que as leituras de jornais reforçam a ideia de contiguidade entre o passado ditatorial e o presente em que as barbáries se renovam. O maior desgosto do protagonista vem do artigo que, além de legitimar linchamentos e execuções extrajudiciais, usurpa o passado recente, dizendo que nunca ninguém saberá com exatidão, “entre os milhares que tombaram durante as três décadas de guerra, culpados e inocentes, quem e quantos foram abatidos pela insurgência ou pela contrainsurgência” (REY ROSA, 2011, p.93).

Como aponta Leila Danziger (2007), muitos autores veem o jornalismo como um poderoso indutor do esquecimento – e não só pelo que conta e o que deixa de contar, mas também pelas características de sua enunciação: a miscelânea de informações, profusas e torrenciais; o superaproveitamento dos espaços; a superficialidade e as simplificações; o afã judicativo e a própria efemeridade dos assuntos no noticiário. “Não há nada mais velho do que o jornal do dia anterior”, já diz a frase que, como tantas outras, incorporou-se ao senso comum.

Forjados majoritariamente pelos interesses econômicos das empresas – ou seja, pela necessidade de conquistar leitores e anunciantes com o menor investimento possível –, esses aspectos motivaram críticas contundentes desde o fim do século XVIII, quando os jornais começaram a se multiplicar ao compasso da modernização do capitalismo. Incomodado com a quantidade de veículos de comunicação que surgiam na Alemanha – e a forma absorvente com que se impunham no cotidiano –, Goethe, por exemplo, disse que a imprensa constituía um grande desperdício de tempo, que atulhava os leitores de superficialidades e promovia a passividade e o conformismo (apud KELLNER, 2000, p.13-14). Diagnóstico semelhante partiu, reiteradas vezes, de Nietzsche, que apontou na expansão dos jornais um dos principais fatores para a mediocrização da cultura e da educação alemãs. O jornalista, disse Nietzsche, “passa com pressa e ligeiramente sobre as coisas” (apud DIAS, 2001, p.37), contribuindo para a deterioração da língua, o empobrecimento das ideias, a homogeneização e o conformismo dos indivíduos. O efeito paralisante do excesso de informações – que também adverte nas *Segundas considerações intempestivas*, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” – é outro motivo de apreensão para o filósofo.

Em um de seus ensaios sobre a modernidade (“Sobre alguns temas de Baudelaire”), Walter Benjamin observa que o próprio discurso jornalístico – pautado pela novidade e a objetividade, e caracterizado pela desconexão entre as notícias –

produz a separação entre fato e experiência. Ou seja, relata os fatos sem transmitir uma experiência nem preservar uma memória. “Na substituição do antigo relato pela informação e da informação pela ‘sensação’, reflete-se a atrofia progressiva da experiência”, escreveu o crítico alemão (2000, p.36). Nos dias atuais, esse efeito de esquecimento foi aguçado com o jornalismo em tempo real e seu “fetiche da velocidade”, conforme denominou Sylvia Moretzsohn, sublinhando “o descompasso entre o tempo dos sistemas de informação e o tempo humano e social” (2002, p.176). Ao comentar as diferenças entre jornalismo e literatura, Ricardo Piglia (2012) reforça a visão de Benjamin: “Com o fluxo incessante de informações, assistimos a certas catástrofes, assistimos a certos acontecimentos sem nos sentir implicados, como se fôssemos meros espectadores”, disse o escritor, em uma das aulas que ministrou para a televisão pública argentina. Segundo ele, enquanto a literatura consegue envolver o leitor por transmitir uma experiência – ou seja, uma vivência dotada de sentido –, o jornalismo nos atinge superficialmente por difundir apenas informações. Por conta disso, apesar do manancial de dados que temos a nosso dispor, vivemos com a sensação de estar sempre desinformados, salientou Piglia.

Essa proliferação incessante e indiscriminada de dados já era, décadas atrás, um dos cerne das críticas de Borges à imprensa. O escritor argentino, a quem o tema da memória sempre foi particularmente caro, caracterizou em diferentes textos a leitura de jornais como uma entrega ao esquecimento. Em “Avelino Redondo”, publicado em *El libro de arena* (1975), o narrador compara o hábito com uma recusa à atividade crítica: “Ávido lector de periódicos, le costó renunciar a esos museos de minucias efímeras. No era hombre de pensar ni de cavilar” (BORGES, 2005, p.144). Em “Utopía de un hombre que está cansado”, incluído no mesmo livro, o personagem narrador encontra um homem que vive no futuro e que, entre outras revelações, anuncia-lhe a extinção da imprensa – “uno de los peores males del hombre, ya que tendió a multiplicar hasta el vértigo textos innecesarios” (BORGES, 2005, p.120-121). A réplica do narrador corrobora a visão de Borges:

– En mi curioso ayer – contesté –, prevalecía la superstición de que entre cada tarde y cada mañana ocurren hechos que es una vergüenza ignorar. El planeta estaba poblado de espectros colectivos, el Canadá, el Brasil, el Congo Suizo y el Mercado Común. Casi nadie sabía la historia previa de estos entes platónicos, pero sí los más ínfimos pormenores del último congreso de pedagogos, la inminente ruptura de relaciones y los mensajes que los presidentes mandaban, elaboradas por el secretario del secretario con la prudente imprecisión que era propia del género. [...] Todo eso lo leían para el olvido, porque a las

pocas horas lo borrarían otras trivialidades (BORGES, 2005, p.120-121).¹

Na literatura contemporânea, parece-nos evidente o interesse pela influência do jornalismo no imaginário social e na memória coletiva. A indiferença mencionada por Piglia aparece, por exemplo, em *Festa no covil*, de Juan Pablo Villalobos, publicado originalmente em 2010. Assistindo com o pai, um chefão do tráfico, ao telejornal noturno, o menino Totchili, protagonista e narrador, comenta com naturalidade o desfile de cadáveres exibido pelo noticiário.

Hoje na tevê deram essa notícia: no zoológico de Guadalajara os tigres devoraram uma mulher inteirinha, menos a perna esquerda. Vai ver que a perna esquerda não era uma parte muito suculenta. Ou vai ver que os tigres já estavam satisfeitos. [...] No final da reportagem o homem das notícias ficou muito triste e desejou à diretora do zoológico que descansasse em paz. Que idiota. A essa altura ela já estava dentro da barriga dos tigres feito mingau. Além do mais só vai ficar lá enquanto os tigres fazem a digestão, porque ela vai acabar transformada em cocô de tigre. Descansar em paz uma ova. No máximo a perna esquerda é que vai descansar em paz. (VILLALOBOS, 2012, p.26-27)

Ainda mais digna de nota é a obra do colombiano Juan Gabriel Vásquez, pela recorrência e a amplitude da abordagem. Em seus três romances mais conhecidos – *Os informantes* (2004), *História secreta de Costaguana* (2007) e *O ruído das coisas ao cair* (2011) –, o jornalismo aparece como elemento incontornável, para o bem e para o mal, nas investigações históricas empreendidas pelos protagonistas, sempre tendo como propulsor algum evento pessoal, que desencadeia uma investigação familiar que depois se expande para os domínios da memória coletiva.

Em *Os informantes*, o personagem narrador é um jornalista que reconstrói, em dois livros consecutivos, um episódio pouco difundido da história colombiana e latino-americana: a perseguição sofrida por imigrantes dos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Para narrar acontecimentos traumáticos, como a criação das listas negras e dos campos de confinamento na Colômbia, o jornalista recolhe testemunhos, garimpa documentos, apropria-se de cartas e vasculha a intimidade do próprio pai. Finalmente consegue fixar na escrita lembranças que, do contrário, não venceriam as interdições privadas e tenderiam a desaparecer com o passar do tempo.

¹ Devo ao artigo de Leila Danziger (2007) as referências a Borges e Benjamin, que depois consultei nos originais.

Em *História secreta de Costaguana*, cuja trama se desenrola na Colômbia do século XIX, a ação do jornalista vai na direção oposta: entusiasta da construção da ferrovia e do canal interoceânico no Panamá, ele utiliza a imprensa para manipular a opinião pública, distorcendo informações e omitindo os aspectos negativos das duas obras, como a morte de trabalhadores, os surtos de febre amarela e as fraudes cometidas pelos administradores. Cabe mais uma vez ao personagem narrador insurgir-se contra o pai e combater o esquecimento que vinha sendo perpetrado nas páginas dos jornais.

Em seus escritos, meu pai não temia nem por um instante alterar o que era sabido ou o que todo mundo lembrava. Aliás, por uma boa razão: no Panamá, que afinal de contas era uma província colombiana, quase ninguém sabia; e, sobretudo, ninguém lembrava. (VÁSQUEZ, 2007, p.105, tradução nossa).

Já em *O ruído das coisas ao cair*, a imprensa é mediadora permanente da sensação de insegurança que toma conta da Colômbia nos anos 1990. Recordações traumáticas do narcoterrorismo confundem-se com lembranças de transmissões televisivas. Da caudalosa cobertura, porém, não emerge um conhecimento maior sobre as causas da violência, mas sim o medo, a apatia, o desalento. Não é fortuito que o relato do personagem narrador, Antonio Yammara, nasça em meio ao circo montado pela imprensa em torno da fuga dos hipopótamos de Pablo Escobar. Tampouco é casual que outra personagem, Maya Laverde, comece sua investigação depois de saber da morte do pai em uma matéria mórbida no jornal que mais deplorava. Ao evocar o sentimento de vulnerabilidade da geração que cresceu em Bogotá entre os anos 1980 e 1990 – da qual ele mesmo faz parte –, Vásquez busca restituir uma experiência que corre o risco de ser esvaziada pela proliferação de discursos sensacionalistas e sem compromissos com a memória.

Assim, o escritor aborda o jornalismo de uma perspectiva ampla, de efeitos múltiplos e contraditórios na memória coletiva.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: _____. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p.58-71.

DANZIGER, Leila. O jornal e o esquecimento. *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v.11, n.2, p.167-177, 2007.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

QUESADA GÓMEZ, Catalina. Una letteratura postnazionale. In: *Nuova Prosa*, 56-57 (2011), p. 33-50.

REY ROSA, Rodrigo. *El material humano*. Barcelona: Anagrama, 2009.

TRIGO, Abril. *Memorias migrantes*. Testimonios y ensayos sobre la diáspora uruguaya. Rosário: Beatriz Viterbo, 2003.

VÁSQUEZ, Juan Gabriel. *Los informantes*. Madri: Alfaguara, 2004.

_____. *Historia secreta de Costaguana*. Madri: Alfaguara, 2007.

_____. *El ruido de las cosas al caer*. Madri: Alfaguara, 2011.

VILELA, Flávia. “‘Substituíram a ditadura militar pela midiática’, diz Kucinski na Flip”. *Agência Brasil*, 02/08/2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.abc.com.br/cultura/noticia/2014-08/substituiram-ditadura-militar-pela-ditadura-midiatica-diz-kucinski-na-flip>. Acesso em: 29/09/2017.

VOLPI, Jorge. América Latina, holograma. In_____: *El insomnio de Bolívar. Cuatro consideraciones intempestivas sobre América Latina en el siglo XXI*. Buenos Aires: Debate, 2009.